

Está no val - 11

Leandro Gomes de Barros

O DINHEIRO

3
NÃO PRESTA

CAZAMENTO DO SAPO

ULTIMAS PALAVRAS
DUM PAPA

14 00



Não
PRESTA

A venda no Mercado de S. José
compartimento . n. 51
e no depoisto
na Mattinha da Encruzilhada
Rua Telles Junior n. 23

RECIFE-PERNAMBUCO

1921

O DINHEIRO

O dinheiro neste mundo
não ha força que o debande,
Nem p'rrigo que o enfrente
Nem senhoria que o mande,
Tudo está á baixo d'elle
Só elle ~~é~~ é o grande.

12/n

He' que

Elle impera sobre um throno
Cercado por ambição,
O chaleirismo a seus pés
Sempre está de promptidão,
Perguntando-lhe com cuidado
—O que lhe falta , patrão ?

No dinheiro tem se visto
Nobreza desconhecida,
meios que ganham questão
Ainda estando perdida,
Honra por meio da infamia,
Gloria mal adquerida.

Por que só mesmo o dinheiro
Tem maior utilidade

2—
E' o pharol que mais brilha
Perante a Sociedade.
O codigo dalli é elle
A lei é a sua vontade.

22/21
20/24
O homem tendo dinheiro
Mata até o proprio pae,
A Justiça fecha os olhos
A policia lá não vaiz,
Passam-se cinco ou seis mez
~~Vai indo o processo cae.~~
Depois

1mp
Compra cinco testemunhas
Que depõe a seu favor,
Aluga dois escrivães
E compra o procurador,
Faz dois d'yttores de prata, / ou
profto o homem, meu senhor.

Ainda que vá á jury
Compra logo attenuante,
Dá um uncto nos jurados
Se livra no mesmo instante,
Tem o juiz a favor,
Jurados e assim por diante

1se
Estas questões muito serias
Que vão para o tribunal,
Alli/exige papés
Que levem prova legal
1ei

Cedulas de quinhentos fachos,
E' o papel principal.

Dinheiro faz eloquencia
α quem nunca teve estudo,
Imprime coragem ao fraco,
Dá animação a tudo,
Vence batalha sem arma,
faz vez de lança e escudo.

Aonde não ha dinheiro
Todo trabalho é perdido,
Toda questão esmorece,
Todo negocio é fallido.
Todo o calculo ~~sai~~ errado,
Todo debate é vencido.

pois o homem sem dinheiro
E' como um velho demente,
Um gato que não tem unha,
Cobra que não tem um dente,
Cachorro que não tem faro,
Cavallo magro e doente.

porque perante o dinheiro
Tudo alli se torna molle,
porque não ha objecto
Que sobre seus pés não role,
Bote o dinheiro no morto
Que a ossada delle bolle.

O bacharel por dinheiro
só macaco por banana, *o*
ou gato por guabirú,
ou um guaxinin por canna,
só saguim pela rizina,
ou bóde por gitirana.

para A moça tendo dinheiro
sendo feia como a morte,
~~caracterisa-se e enfeita-se~~ *não precisa de en-*
~~sempre melhorar de sorte,~~ *factor*
mais de mil aventureiros
a desejam por consorte.

Porque dinheiro na terra
é ~~o~~ *o* capa que tudo cobre
cubra um cachorro com ouro
que elle há de ficar nobre
e superior ao dono,
se acaso elle fór pobre

ouvi
Eu vi narrar um facto
que fiquei admirado,
um sertanejo me disse
que nesse seculo passado,
vio enterrar um cachorro
com honras de um potentado

um inglez tinha um cachorro
de uma grande estimação

morreu o dito cachorro,
e o' inglez disse então :

« mim enterra esse cachorro
inda que gaste um milhão ».

Foi ao vigario lhe disse,

« morreu cachorra de mim
e urubú do Brazil

não poderá dar-lhe fim . . .

— Cachorro deixou dinheiro ?
perguntou o vigario, assim =

(Mim quer enterrar cachorro »

disse o vigario / oh ! inglez

vose pensa que isto aqui

e o paiz de voses ?

disse o inglez / oh ! cachorra

gasta tudo desta vez .)

/ —

/ — «

« Elle antes de morrer

um testamento aprontou,

só quatro contás de reis

para o vigario deixou .) . . .

Antes do inglez findar

o vigario suspirou

do seu animal,

Coitado ! disse o vigario

de que morreu esse pobre ?

Que animal enteligente

e de que sentimento nobre ?

imp



Antes de partir do mundo
 Fez-me presente do cebre...

Leve-o para o cemiterio
 Que vou o encommendar
 Isto è: traga o dinheiro
 Antes dello se enterrar;
 Estes suffragios fiados
 E' fativo não salvar

E lá chegou o cachorro
 O dinheiro foi na frente,
 Teve enponento o enterro,
 Missa de corppo presente,
 Ladainha e seu rancho
 Melhor do que certa gente

Mandaram da parte ao bispo
 Que o vigario tinha feitoto
 O enterro de um cachorro
 Que não era de direito
 O bispo ahi fallou muito
 Mostrou-se mal satisfei

Mandou chamar o vigario
 pronto o vigario chegou
 As ordem sua excellencia...
 O bispo lhe perguntou :
 Então que cachorro foi
 Que seu vigario enterrou ?

Foi um cachorro importante
animal de intelligencia
elle antes de morrer
deixou á vossa excellencia
dois contos de reis em ouro...
se errei tenha passiencia

Não foi erro senhor vigario
você é um bom pastor
desculpe eu incomodal-o
a culpa é do portador
um cachorro como este
já ve que é mercedor.

O meu enformante disse-me
que o caso tinha se dado
e eu julguei que isso fosse
um cachorro desgraçado
elle lembrou-se de mim
não o fasso despresado.

O vigario ahi abriu
os dois contuculos de reis
o bispo disse é melhor
de que diversos fieis
e disse prouvera deus
que assim lá morresse uns dez

E se não fosse o dinheiro
a questão ficava feia

Desenterrava o cachorro
o vigario ia a cadeia
mais como gimbe correu
ficou qual letras na areia

Judas era um hon em santo
pregava a religião
era discipulo de Christo
tinha toda direção
porem por 30 dinheiros
dispensou a salvação

O dinheiro so não pode
privar do dono morrer
parar o vento no ar
e prohibir de chuver
o resto torna-se facil
para o dinheiro faser

O saserdote no templo
inda fasendo sermão
chega um atheu na igreja
e traga-lhe um meio milhão
que elle vai logo encontral-o
bota-o na palma da mão .

Havendo muito dinheiro
casa-se irmã com irmão
o bispo dispensa um quarto
vai ao papa outro quinhão

20,

o vigario dar-lhe o uncto
e porque não casam emtão

GOSTO COM DESGOSTO

(*O casamento do sapo*)

No tempo do carransismo
tempo que os bichos falavam
como hoje vivem os homens
elles tambem transitavam
havia muitas questões
casos fundos que se davam.

Na cidade da Caipora
perto da Taboa Lascada
municipio da Rabugem
freguesia de S. Nada
Rua de não sei se há
esquina da sorte minguada.

Morava nesse chalet
um sapo velho caldereiro

tinha uma grande família
um filho ainda solteiro
o velho era arrumado
e o filho tinha dinheiro.

A filha caçula del^e
sapa também arrumada
filha daquell^e lugar
por todo mundo estimada
por amar muito a seu pai
inda não era casada.

O visconde cururu
barão da en^e quebrada
morava na villa nojenta
rua da Estarrapada
travessa do lagadisso
na casa número nada.

O visconde tinha um filho
um rapaz também solteiro
não era lá desses ricos
mas também tinha dinheiro
engraçou-se da sapinha
a filha do caldeireiro.

A viscondessa dona gia
conhecendo que o filho amava
a sapinha caldeireira
com vergonha não falava.

respeitava muito ao pai
por isso nada tratava.

Disse a **Gia** ao cururu:
seu filho quer se casar
mas tem-lhe muito respeito
acanhou-se em lhe falar
venho consultar a você
acha bom se ella aceitar?

acho: **respondeu** o sapo
a sapa é bem arranjada
filha de um homem distinto
um bellissimo camarada
ella e o pai **aceitando**
se faz eu não digo nada.

O visconde cururu
deu parte ao caldereiro
esse com gosto **aceitou**
quase recusa primeiro
mas depois se resolveu
contrataram **parajaneiro**.

Disse o sapo caldereiro:
é preciso eu preparar
um vestido muito fino
para a noiva se casar
eu quero dar um banquete
para ninguém censurar.

Comprou vestido de seda,
Espartilho e capella
Guarda-sol, luvas, sapatos
Tudo, que agradasse a ella
e disse que convidasse
todas as amigas della .

Tinham tratado o casamento
Para dose de janeiro
Em dezembro chueu muito
quase que enche o barreiro
Resolveram o casamento
divido a este aguaceiro .

Reuniram-se as familias
E deram logo andamento
Sahio da villa Nojenta
I um grande acompanhamento
sapos de todas as clases
que vinham do casamento .

O visconde Cururu
Metido em um casacão,
O noivo todo de preto
Trazia um bom correntão
Um pencenez de crystal,
Em cada dedo um anellão .

Deram começo ao banquete,
O caldereiro tocava,

O sapo ~~b~~ que era noivo
 juncto da noiva berrava
 o visconde cururū
 um violão afinava .

A mulher do caldeireiro
 ajudando a vestir a filha
 dona ~~Gia~~ e outras damas
 estavam dançando quadrilha
 o caldeireiro gritava
 a festa brilha ou não brilha .

Estava o cunhado do noivo
 tocando num rabeção
 o sapo sunga ~~Neném~~ / n
 percorria um violão
 o cururū no piano
 a ~~Gia~~ no botijão .

Já o altar estava armado
 estava a noiva se aprontando
 os copeiros pondo a mesa
 perus e porcos assando
 quando de súbito viram
 tres cobras virem chegando .

Dessas três recenchedas
 foi um Jararacossū
 dirigiu-se ao gabinete
 do visconde cururū

olhem o des^gos^a no g^osto
quem quis mais comer per^u ?

Uma das cobras de campo
foi ao major caldeireiro
não respeitou-lhe a patente
nem se emportou com dinheiro
a noiva e os convidados
ganharam logo o barreiro .

A outra ficou por fora
como quem fica de espia
sah^u beirando o barreiro
poude agarrar dona Cia / g
já viram que festa essa
sem graça e sem possia ?

A noiva poude evadir-se
o noivo também fugiu
dos convidados só um
por feliz escapoli^u
a mãe da noiva damnou-se
nem o noivo mais a vid^u .

Festa de sapo em barreiro
Bicho de rumo em vasculho
Herança de filhos pobres
Milho em lugar de gorgulho
E' como côco de negro
Vem se acabar em barulho .

PROTESTO

Tendo sciencia de que alguém procura escrever e editar as minhas numerosas trovas populares de que sou exclusivo auctor e proprietario illudindo assim a bôa fé dos meus freguezes e apreciadores.

Protesto contra absorpção dos meus direitos garantidos pelos arts. 649, 670 e 672, do capitulo VI do codigo civil brasileiro, fazendo valer os meus direitos opportunamente perante os tribunaes do paiz, já tendo requerido as certidões de que trata o artigo 673 do referido codigo

Sirva este meu protesto de aviso aos meus leitores e as autoridades de todas as circumscripções da republica, a quem requeri não só a apprehensão como indemnização pelos damnos causados.

recife, 20 de Fevereiro de 1921

João Martins de Athayde



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).